

Maria

mulher de nossos dias

Maria
mulher de nossos dias

DOM TONINO BELLO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bello, Tonino

Maria, mulher de nossos dias / Tonino Bello; tradução Vinícius Augusto Ribeiro Teixeira. - São Paulo: Paulinas, 2024.

160 p. (Coleção Encontro com Maria)

ISBN 978-65-5808-261-3

Título original: Maria donna dei nostri giorni

1. Maria, Virgem, Santa 2. Igreja católica 3. Vida cristã I. Título
II. Teixeira, Vinícius Augusto Ribeiro III. Série

24-0024

CDD 232.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Maria, Virgem, Santa

Título original: Maria donna dei nostri giorni

© 2015 Edizioni San Paolo s.r.l.

Piazza Soncino 5 - 20092 Cinisello Balsamo (Milano) - ITALIA

www.edizionisanpaolo.it

Direção: Ágda França

Editores responsáveis: Vera Bombonato e Antonio Francisco Lelo

Tradução: Pe. Vinícius Augusto Teixeira, cm

Coordenadora editorial: Marina Mendonça

Copidesque: Ana Cecília Mari e Andréia Schweitzer

Revisora: Sandra Sinzato

Gerente de produção: Felício Calegari Neto

Capa e projeto gráfico: Claudio Tito Braghini Junior

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.



Cadastre-se e receba nossas informações
paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

(11) 2125-3500

 editora@paulinas.com.br

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2024

Sumário

Introdução à edição brasileira	7
Convite à leitura.....	13
1. Maria, mulher do cotidiano	15
2. Maria, mulher sem retórica.....	19
3. Maria, mulher da espera.....	23
4. Maria, mulher apaixonada	28
5. Maria, mulher grávida	33
6. Maria, mulher acolhedora.....	37
7. Maria, mulher do primeiro passo	41
8. Maria, mulher missionária.....	46
9. Maria, mulher parcial	51
10. Maria, mulher do primeiro olhar	56
11. Maria, mulher do pão	61
12. Maria, mulher de fronteira.....	66
13. Maria, mulher corajosa.....	70
14. Maria, mulher a caminho.....	74
15. Maria, mulher do repouso	79
16. Maria, mulher do vinho novo.....	84
17. Maria, mulher do silêncio	88
18. Maria, mulher obediente.....	93

19. Maria, mulher do serviço	97
20. Maria, mulher de verdade	102
21. Maria, mulher do povo.....	106
22. Maria, mulher que conhece a dança	111
23. Maria, mulher do Sábado Santo	115
24. Maria, mulher do terceiro dia.....	120
25. Maria, mulher da convivência	124
26. Maria, mulher do andar superior.....	129
27. Maria, mulher belíssima.....	134
28. Maria, mulher elegante.....	139
29. Maria, mulher de nossos dias	144
30. Maria, mulher da última hora	149
31. Santa Maria, companheira de viagem	154

Introdução à edição brasileira

Com a tradução desta obra, de ampla difusão na Itália, os leitores de língua portuguesa poderão ter mais fácil acesso a uma joia da fecunda produção literária e teológica de Dom Tonino Bello.

Mas quem foi esse homem? Antonio Bello nasceu em 18 de março de 1935, em Alessano, província de Lecce, na região da Puglia, sul da Itália. Ordenado presbítero no dia 8 de dezembro de 1957, obteve o doutorado em Teologia e exerceu seu ministério como formador de seminaristas e pároco. Em 10 de agosto de 1982, o Papa João Paulo II o nomeou bispo da Diocese de Molfetta-Ruvo-Giovinazzo-Terlizzi, onde permaneceria até o fim de seus dias. Faleceu em 20 de abril de 1993, aos 58 anos, ceifado por um câncer que lhe causou intenso sofrimento, sem, contudo, tirar-lhe a serenidade, a alegria de viver e a capacidade de irradiar esperança e paz. Do crepúsculo de seu leito de dor, divisava a aurora da ressurreição, em solidária comunhão com todos os que sofriam.

Os numerosos escritos de Dom Tonino deixam transparecer traços marcantes de sua cativante personalidade: sua aquilatada

sensibilidade humana, sua espiritualidade profunda e difusiva, sua transbordante caridade pastoral, seu estilo eclesial pautado na herança do Concílio Vaticano II e caracterizado pela diáconia da caridade, seu vigoroso empenho em favor da justiça e da paz etc.

A vida e o ministério de Dom Tonino se mantiveram sempre alicerçados em uma sólida experiência de fé, centrada no mistério pascal de Jesus Cristo, alimentada por uma consistente devoção filial a Maria e traduzida em uma solicitude palpável para com os mais pobres e sofridos, cujos rostos e nomes ele levava gravados na retina de seus olhos e nas fibras de seu coração: os enfermos, os deprimidos, os desempregados, os dependentes químicos, os encarcerados, as mulheres marginalizadas, os migrantes e refugiados, as vítimas das guerras em países distantes etc. O título de seu plano de pastoral diz o bastante a respeito de sua opção fundamental: “Juntos, seguindo a Cristo no passo dos últimos”.

A alma missionária de Dom Tonino se dilatava muito além das fronteiras de sua diocese e de seu país, alcançando e abraçando vítimas dos conflitos e das indigências que grassavam em nações longínquas, das quais saíam grandes levas de pessoas à procura de uma vida mais digna, segura e pacífica. Tocado por semelhantes situações, acolheu refugiados nas dependências da residência episcopal e pôs em marcha iniciativas e obras de assistência aos prófugos e desamparados. Tornou-se apreciado

também por sua criatividade na ação evangelizadora e por sua proximidade entusiasta em relação aos jovens. Como presidente do movimento *Pax Christi*, viajou a alguns países do leste europeu e da África, fazendo-se paladino e promotor da reconciliação e da unidade entre povos feridos e divididos.

Tudo o que Dom Tonino via e ouvia, tudo o que contemplava e tocava, tudo o que sentia e refletia, tudo o que constituía sua vida de homem de Deus, da Igreja e dos pobres, tudo isso encontra eco em seus escritos. Sua palavra está, pois, encharcada de sua densidade mística e teológica, de sua consistência humana e moral, de sua genialidade literária e poética, de sua magnanimidade pastoral e de sua verve profética, de sua simplicidade, de sua ternura e de sua gratuidade, de sua paixão por Cristo e de sua compaixão pelos últimos.

A obra que ora apresentamos é um exemplo translúcido do que acabamos de dizer a respeito dos escritos de Dom Tonino Bello. Temos nas mãos um rosário de títulos originais atribuídos a Maria, mulher de nossos dias. Na longa esteira da Escritura, da Tradição e do Magistério da Igreja, o autor nos convida a colocar-nos – como ele o fez ao longo de sua trajetória – na companhia da Mãe de Jesus, deixando que ela nos tome pela mão e caminhe conosco pelas estradas da vida.

Contemplando e acolhendo Maria à luz da fé, tal como se fosse uma contemporânea nossa, familiar às alegrias, dores, esperanças e sobressaltos que pontilham a existência humana,

poderemos ver germinar em nós as sementes de humanidade e santidade, de ternura e fortaleza que nela floresceram e frutificaram com máxima abundância e esplendor. Por sua grande profusão de metáforas, fruto da genial imaginação poética de Dom Tonino, esta obra deve ser lida em uma perspectiva simbólico-espiritual, de tal maneira que cada um se veja implicado no itinerário proposto em suas páginas.

As obras de Dom Tonino Bello e os livros sobre sua pessoa e seu legado costumam ocupar significativos espaços nas livrarias italianas. Também a internet está repleta de textos e vídeos que projetam seu testemunho para além das fronteiras literárias. Cresce ainda o número de pessoas que peregrinam ao seu túmulo em Alessano, à sua catedral em Molfetta e a outros locais que preservam sua memória e irradiam seu testemunho. O processo de canonização de Dom Tonino foi aberto em 2007.

No dia 20 de abril de 2018, por ocasião do 25º aniversário de sua morte, o Papa Francisco visitou seu túmulo e celebrou a Eucaristia no Porto de Molfetta. Assim se expressou o Papa na homilia, referindo-se àquele que se tornou conhecido como o “bispo da Igreja do avental” (“Chiesa del grembiule”): “Dom Tonino foi um bispo servo, um pastor que se fez povo. Sonhava uma Igreja faminta de Jesus e intolerante a toda mundanidade, uma Igreja que ‘sabe decifrar o corpo de Cristo nos tabernáculos desconfortáveis da miséria, do sofrimento e da solidão’. Ele dizia: ‘a Eucaristia não tolera o sedentarismo’ e, se não faz

levantar da mesa, permanece ‘um sacramento incompleto’”. No dia 25 de novembro de 2021, Dom Tonino Bello foi declarado Venerável.

Que esta obra-prima de Dom Tonino Bello – agora publicada no Brasil por Paulinas – ajude-nos a aprofundar e a desenvolver uma autêntica espiritualidade mariana e a dirigir-nos a Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe, com este trecho da oração que coroa as meditações deste livro:

*Repete ainda hoje a canção do Magnificat
e anuncia o transbordamento da justiça
a todos os oprimidos da terra.*

*Não nos deixes sozinho na noite a salmodiar nossos medos.
Pelo contrário, se, nos momentos de escuridão,
estiveres ao nosso lado
e nos sussurrares que tu também,
Virgem do Advento,
estás esperando a luz,
as fontes do pranto secarão em nossos rostos.
E juntos despertaremos a aurora.*

Padre Vinícius Augusto Teixeira, cm

Convite à leitura

Dom Antonino Bello ou Dom Tonino nasceu em Alessano (Lecce), em 18 de março de 1935. Ordenado sacerdote em 1957, foi por muito tempo formador em seminário e pároco. Em 1982, tornou-se bispo de Molfetta, Ruvo, Giovinazzo e Terlizzi. Presidente do movimento *Pax Christi*, foi incansável promotor da paz e defensor dos pobres, aos quais oferecia abrigo em sua própria casa. É sua a definição “Igreja do avental”, para indicar a necessidade da humildade e do serviço. Faleceu no dia 20 de abril de 1993. Em 2007, a Congregação para as Causas dos Santos deu início a seu processo de beatificação-canonização.

O volume que apresentamos representa a síntese mais fecunda e profunda de seu pensamento mariano. Um pensamento que, por sua vez, resume sua visão de fé, de Igreja e de mundo. Um pensamento pouco sistemático, mas imbuído de paixão, participação, ternura e lucidez. Um pensamento “orante”, a ponto de ser fácil fazer de cada página uma prece, como sugere o encerramento de cada capítulo.

Trinta e um títulos Marianos, trinta e uma fotos tiradas da Virgem de Nazaré, com respeito e apaixonada devoção: uma

ladainha para o nosso tempo, que o mesmo Dom Tonino quis recitar no momento da sua morte, juntamente com o amigo Dom Luigi Bettazzi, bispo de Ivrea.

No projeto “Biblioteca Mariana”, o presente volume vem imediatamente depois de alguns escritos dos Padres da Igreja. O salto é notável, mas, segundo nosso modesto entendimento, não é aleatório. A continuidade é garantida por um fôlego espiritual que, tanto em Dom Tonino quanto em Bernardo de Claraval e em Romano, o Melódico, une o louvor e a poesia, a invocação comovida e a índole exortativa do discurso catequético feito acessível ao grande público dos fiéis.

No texto, refulgem imagens surpreendentes e inéditas de Maria, às vezes em direções marcadamente distintas das devoções mais tradicionais. À palavra de louvor, acrescenta-se a palavra de exortação, enquanto o tom atraente da poesia não se perde em requintes literários, mas se prende, com um jogo hábil de metáforas, à existência cotidiana, à qual finalmente se dirige.

Essa referência ao hoje, de modo algum dissimulada, sela a atualidade de um escrito – uma antologia de pensamentos, ou um álbum, para permanecer na simbologia fotográfica – que tem o fascínio irresistível de um apócrifo e a urgência de um convite que nos estimula – “sem retórica”, como se intitula um dos capítulos – a aprender um novo olhar sobre os outros, sobre Deus e sobre o mundo. Como Maria, a “mulher do primeiro olhar”.

Maria, mulher do cotidiano

Quem sabe quantas vezes li essa frase do Concílio sem me emocionar. Em um final de tarde, porém, a mesma frase, citada sob uma imagem de Nossa Senhora, pareceu-me tão audaciosa que fui à fonte para verificar sua autenticidade. Mas é isso mesmo. No número 4 do decreto do Concílio Vaticano II sobre o Apostolado dos Leigos, está escrito textualmente: “Maria vivia na terra uma vida comum a todos, cheia de cuidados familiares e de trabalho”.

De fato, “Maria vivia na terra”. Não sobre as nuvens. Seus pensamentos não insensatos. Seus gestos tinham, como permanência obrigatória, o perímetro das coisas concretas. Embora a transcendência fosse a experiência para a qual Deus frequentemente a chamava, Maria não se sentia dispensada do esforço de estar com os pés no chão. Longe das abstrações dos visionários, como também das evasões dos descontentes ou das fugas dos ilusionistas, ela teimava em conservar seu domicílio no difícil cotidiano.

E tem mais: “Maria vivia uma vida comum a todos”. Ou seja, semelhante à vida de sua vizinha. Bebia água do mesmo poço.

Triturava o trigo na mesma moenda. Sentava-se na sombra do mesmo pátio. Também ela chegava cansada à tardinha, depois da colheita no campo. Também a ela disseram um dia: “Maria, seus cabelos estão ficando brancos”. Então, ela olhou seu reflexo na fonte e sentiu a nostalgia comovente de todas as mulheres quando percebem que a juventude está se esvaindo.

As surpresas, porém, não acabam aí, pois saber que a vida de Maria, como a nossa, foi tão “cheia de cuidados familiares e de trabalho” torna essa criatura tão identificada com as fadigas humanas a ponto de fazer-nos suspeitar que nossa penosa cotidianidade não deve ser tão banal quanto pensamos.

Sim, também Maria teve seus problemas: financeiros, de saúde, de convivência, de adaptação. Quem sabe quantas vezes terá voltado da lavanderia com dor de cabeça, ou preocupada demais porque José via diminuir a clientela de sua carpintaria nos últimos dias. Quem sabe em quantas portas bateu para pedir algum trabalho para Jesus na estação das olivas. Quem sabe quantas tardes passou melancolicamente virando ao avesso o casaco já surrado de José, fazendo dele um manto para que seu filho não sofresse constrangimento entre seus companheiros de Nazaré.

Como todas as esposas, Maria terá passado também por momentos de crise no relacionamento com seu marido, do qual, taciturno como era, nem sempre terá entendido os silêncios.

Como todas as mães, espreitou, entre temores e esperanças, os meandros agitados da adolescência de seu filho. Como todas

as mulheres, ela também passou pelo sofrimento de não se sentir compreendida, nem mesmo pelos dois maiores amores que tinha na terra. E deve ter temido desapontá-los ou não estar à altura de seu papel. E, depois de ter dissipado em lágrimas o tormento de uma imensa solidão, terá finalmente encontrado na oração, feita em comum, o gáudio de uma comunhão sobre-humana.

Santa Maria, mulher do cotidiano, talvez só tu possas entender que esta nossa loucura de te reconduzir aos limites da experiência terrena, que também vivemos, não é sinal de dessacralização.

Se, por um instante, ousamos tirar-te a auréola, é porque queremos ver o quanto és bela de cabeça descoberta.

Se apagamos os holofotes apontados para ti, é porque nos parece que assim podemos mensurar melhor a onipotência de Deus que, por trás das sombras de tua carne, escondeu as fontes da luz.

Sabemos bem que foste destinada a navegações em alto-mar. Mas, se te impelimos a velejar junto à costa, não é porque queremos reduzir-te aos níveis de nossa pequena embarcação. É para que, vendo-te tão próxima das praias de nosso desencorajamento, possamos firmar a consciência de que também somos chamados a aventurar-nos, como tu, nos oceanos da liberdade.